

SILÊNCIO E MEMÓRIA: RUPTURAS E REVELAÇÕES EM BELOVED (1987) DE TONI MORRISON

Soraya do Lago Albuquerque¹(UNIVAG-SEDUC/MT)

Resumo: É no cenário místico e doloroso de *Beloved* (1987) que Toni Morrison vai reavivando as memórias e as dores marcadas no homem negro pós-colonial, tirando-o de seu silêncio. E é dessa forma que nos deparamos com a presença marcante da interferência da memória coletiva nas palavras da escritora durante a narrativa, na qual ela vai retomando eventos que vão sendo recontados através de uma memória que ficou enraizada na alma dos protagonistas da segregação. Morrison, ao escrever sobre as coisas horríveis vividas pelo seu povo, quebra os silêncios trancados no passado e tenta preencher as lacunas entre um passado ainda vivo no presente, numa tentativa de reconstrução de uma identidade através das memórias coletivas de seu povo. O adormecimento de uma memória faz com que outra acorde, a memória que se quer impor e inserir nesse novo contexto desprovido de propriedade e autonomia para tudo o que restou das culturas das minorias. Essa memória reconstruída vai cuidadosamente mostrando, valorizando e reiterando a importância de cada traço cultural existente e ainda latente nas pessoas, trazendo-os de volta ao presente e abandonando dessa forma o apagamento e o silenciamento sob o qual estavam envoltos. Pretendemos com esse estudo apresentar um panorama sobre a forma através da qual algumas personagens de Morrison saem do mundo silencioso e traumático, tentando buscar uma espécie de superação para parte do trauma vivido e acarretado pela segregação, assim como pela diáspora. Para o desenvolvimento dessa discussão, recorreremos aos trabalhos de Homi Bhabha (2007), Maurice Halbwachs (2004), Beatriz Sarlo, (1997), Andreas Huyssen (2007), entre outros.

Palavras-chave: memória. segregação. silenciamento. superação. Toni Morrison.

Introdução

Iniciaremos o nosso diálogo acerca dos pontos em destaque na obra, que foram selecionados por nós, entre eles, a memória, a segregação, o silenciamento e a superação. Passaremos primeiramente por uma explicação teórica antes de trazermos para a discussão os fatos observados na obra em análise. Pretendemos apresentar para tal estudo uma versão geral sobre a trama narrada em *Beloved* e por ora destacada nesse estudo a fim de colocar o nosso leitor a parte do contexto em que encontramos os pontos selecionados para o estudo, evidenciando-os, e assim, deixando claro como eles aparecem na obra e como pudemos evidenciá-los.

Acreditamos que algumas personagens de Morrison ao sair de seu silêncio velado e traumático buscam na verdade meios de superação desse mesmo trauma e acreditamos que de fato tal objetivo é atingido, uma vez que é possível vislumbrar mudanças e possibilidades de mudança nas personagens em análise, mulheres negras e

¹ Soraya do Lago Albuquerque, graduada em Letras-Ingês/Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso e mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso.

protagonistas de uma história que por muitos já foi contada, mas não dessa forma, por uma mulher também negra.

A própria escritora ao ser indagada sobre os temas usados em suas narrações e sobre o seu escrever, na 4ª Flip – Festa Literária Internacional de Parati e na mesa de que participou em 2006 ela diz que “Nunca tinha visto um livro no qual uma mulher pobre e negra fosse o centro da história, só via personagens como estas na periferia da história, nunca no centro. Tentei mudar isso!”. Acreditamos que de fato tentou e conseguiu, pois as personagens criadas por Morrison em *Beloved* superaram as expectativas da crítica literária. Pretendemos apontar em nossa pesquisa se de fato houve uma ruptura no silêncio e se através da mesma foi possível deparar-se com uma espécie de superação, ou quiçá, de absolvição do problema inicial.

Adotaremos para encorpar a nossa discussão teóricos de envergadura no meio acadêmico e no contexto atual das literaturas pós-coloniais, uma vez que esses são temas que envolvem muita discussão e reflexão no seu entorno. Sendo assim, buscaremos clareza, orientação e sustentação para a condução de nosso estudo nos trabalhos de Homi Bhabha (2007), Maurice Halbwachs (2004), Beatriz Sarlo, (1997), Andreas Huyssen (2007), entre outros.

Desenvolvimento

Toni Morrison nos coloca diante de um enredo audacioso e corajoso em *Beloved* onde nos deparamos com a memória traumática, memória essa que acreditamos ter interferido na construção de uma de suas personagens mais complexas e famosas, a protagonista Sethe, que comete o infanticídio, assassinando sua filhinha caçula. A narrativa não é feita de forma linear, há um ir e vir nas memórias que se mostram em flashbacks, o que leva também a uma alternância de narradores, que ora se apresentam em primeira pessoa, ora em terceira.

A atitude assassina da protagonista parece se relacionar com o fato de não desejar que a filha tenha um destino de escrava, mas também nos leva a indagar até que ponto essa decisão partiu apenas de suas dores ou se há uma interferência direta e que pode ter sido causada pelas deslocções das diásporas, das memórias e da transculturação.

Bhabha (1998), afirma a necessidade de se manter a memória traumática onde se percebe a existência da heterogeneidade dentro da nação, das minorias silenciadas em favor do discurso da homogeneidade nacional, por Said (1995), que chama a atenção para a invocação do passado como uma das estratégias mais recorrentes na interpretação do presente.

Podemos afirmar que apesar do desejo de Morrison em querer esquecer as dolorosas memórias de seu povo no período da escravidão, é necessário que essa dor e sofrimento sejam revistos, redimensionados, estudados e melhor entendidos, para que se possa de fato entender se os negros estão livres da segregação ou se ela ainda existe de uma forma excludente e indireta na vida daqueles que possuem o que já foi classificado como um defeito ou problema. Passemos então para um breve relato sobre o enredo da obra.

O romance *Beloved* foi escrito em 1987 e chamou a atenção para as feridas históricas que ainda estão abertas, mesmo com o fim da segregação racial naquele país. Nele Morrison, narra de forma trágica e mágica uma história de amor e de horror.

A autora buscou inspiração em um fato real que aconteceu no ano de 1856 com uma escrava foragida, Margaret Garner, que ao estar prestes a ser capturada e devolvida ao mundo da escravidão, mata sua filhinha com então apenas três anos de idade a fim de evitar a continuidade à dor e ao sofrimento da condição escrava, poupando a sua semente de ter a mesma sorte que ela tivera.

Ao se referir a este fato que a inspirou enquanto escritora, Morrison diz que: "quando soube da história de Margaret, achei que não conseguiria escrever sobre tal ato, mas, afinal, a história foi concluída e sua mensagem chegou aos principais destinatários, as mulheres negras." (MORRISON, 2000). A dor e a determinação de Sethe, a protagonista de *Beloved*, ficam evidenciadas nos escritos de Morrison quando é narrado o ato do assassinato da sua filhinha e são marcados também pela dor na ficção de Morrison, conforme observa-se no fragmento a seguir;

"Lá dentro, dois meninos sangravam sobre a serragem, aos pés de uma negra que carregava no colo uma garotinha ensopada de sangue e com a mão livre segurava um bebê muito novo pelos calcanhares. A mulher nem olhou para eles; simplesmente balançou o bebê na direção das tábuas da parede. Errou e tentou uma segunda vez, quando, como se surgisse do nada, o negro velho, ainda miando, atravessou correndo a porta atrás deles e arrancou o bebê das mãos dela." (MORRISON, 2000, P,176)

Ainda em *Beloved*, Toni Morrison nos apresenta a personagem Baby Suggs, uma escrava que teve a sua abolição comprada por um de seus filhos, o mais velho, Halle, e que pode fazer isso graças aos trabalhos prestados em troca da compra da liberdade da mãe e esta, sendo livre, já anciã passa a narrar aos outros as histórias de seu povo, porém não de forma apenas para transmissão, pois Baby Suggs deixa muito claro os pontos negativos vividos por sua gente, e é óbvio que não podemos retomar o que já passou, mas Morrison revela na ficção que as possibilidades de que se repitam ações de segregação são muito menores e que ao falar desse tema, ela enquanto intelectual também, assume o compromisso de mostrar o que aconteceu e que nunca mais deverá se repetir.

Baby Suggs demonstra na obra ter uma espécie de vergonha pela sua condição de analfabeta e mesmo de ex-escrava, conforme confirmamos a seguir; “Sua autoridade no púlpito, a dança na Clareira, o “Chamado” poderoso – Baby não pregava nem fazia sermões porque se considerava ignorante demais para isso; apenas chamava e era ouvida (MORRISON, 1987,p.206).

Baby Suggs costumava reunir os seus ouvintes embaixo de uma frondosa árvore e lá ela cantava, contava e refletia sobre vários assuntos. Morrison em vários momentos na obra aponta para a importância da árvore.

Para Sethe, este símbolo é descrito como marca de tristes lembranças, como os desenhos nas suas costas deixados pelas cicatrizes dos açoites dos chicotes, como lemos quando Paul D observando-a de costas indaga:

- _ Que árvore é essa em suas costas?
- _ Nada. _ Sethe colocou uma tigela e a farinha sobre a mesa.
- _ Que árvore é essa? Tem alguma coisa crescendo em suas costas? Não vejo nada aí.
- _ Está aqui, mesmo assim.
- _ Quem lhe contou isso?
- _ A mocinha branca. Foi assim que ela me chamou. Nunca a vi e nunca a verei. Mas ela me disse que parecia uma árvore. Uma cerejeira silvestre. Troncos, galhos, até mesmo folhas. Pequeninas folhas de cerejeira. Mas isso foi há 18 anos. Pelo que sei, poderia haver frutos agora (MORRISON, 1987, p.26).

Nesse diálogo, a árvore aparece e é explicada sob dois enfoques diferentes, um em que Sethe não pode ver os desenhos deixados em suas costas, negando de uma forma sutil o que já passou, mas por outro lado, ela diz que apesar de já ter passado dezoito

anos, a tal árvore poderia já ter dado frutos, o que nos remete mais uma vez a poesia a valorização da simbologia da árvore e nos remete diretamente a uma espécie sim de superação do trauma deixado pelas marcas da árvore, ou seja a personagem nos induz a pensar quem mesmo tendo sentido tanta dor ela ainda vê possibilidades positivas para tais marcas, como se de fato fosse possível que ela viesse a dar frutos.

Mais a frente na obra, ao se referir ainda sobre uma árvore, Sethe deixa claro a diferença que havia entre a árvore que ela muito bem, conhecia e que lhe entranhava as costas toda e as árvores majestosas e convidativas que ela conheceu em Sweet Home, conforme lemos a seguir

Jamais uma árvore, como Sethe dissera. Talvez com o formato de uma, mas muito diferente das que conhecia, porque as árvores eram convidativas, seres nos quais se podia confiar e ficar perto, com quem era possível conversar, como frequentemente fizera muito tempo antes, durante os almoços nos campos de Sweet Home. Sempre no mesmo lugar, lugar cuja escolha fora difícil, pois lá havia árvores mais lindas do que em qualquer outra fazenda. Chamou sua árvore de Irmão (MORRISON, 1987, p. 32).

Há nessa passagem uma valorização imensa das árvores, pois além da própria confiança, percebe-se a sintonia entre a natureza e o homem quando é dado o nome de Irmão, onde mais uma vez podemos perceber superação, pois ao comparar árvore a um ente amado e de sangue, a personagem deixa claro mais uma vez que vê algo de bom nas marcas que ela carrega. Essa nomenclatura evidencia a grande cumplicidade com as árvores, até mesmo personificadas na vida real dos escravos e de suas estórias.

No verão, Baby Suggs, a santa, seguida pelos homens, mulheres e crianças negras que conseguiam chegar até Cincinnati, levava seu enorme coração para a Clareira – um lugar amplo e aberto, bem dentro da mata, no final de uma trilha conhecida apenas pelos veados e os que haviam desbravado a terra virgem. Nas tardes calorentas, ela sentava-se ali, enquanto as pessoas esperavam, ocultas entre as árvores (MORRISON, 1987, p. 105).

Notamos também a reverência feita também à Clareira, escrita em letra maiúscula, mais uma vez a natureza se apresenta personificada pela escritora, tamanha força de reverência dada a ela.

A evocação feita às árvores nos remete aos ancestrais que faziam das árvores e das clareiras um lugar santo, em que se contavam as estórias do povo e elas eram assim transmitidos de geração a geração num ritmo mágico de respeito e agradecimento, em

rituais mnemônicos de reverência e de gratidão àqueles que já haviam deixado a sua herança cultural.

A árvore, representada em várias obras africanas e afro-americanas, traz a representação desses rituais em que contar uma estória era muito mais que um simples recontar, era o próprio lembrar e trazer à tona estórias passadas ainda presentificadas e representadas futuramente na literatura, como marcas da tradição africana.

Às sombras feitas pela copa de muitas árvores eram também tomadas decisões coletivas, em que o mais velho detinha consigo a palavra e os outros, ao redor, ouviam, dançavam e apreendiam o que se queria cantar e significar naquele exato momento. O silêncio das clareiras e dos sentimentos ali compartilhados davam lugar a decisões que com certeza tirariam do silenciamento muitas vozes abafadas e não ouvidas.

Escritores como Toni Morrison constroem em suas personagens possibilidades que dão acesso ao outro, nesse caso podemos afirmar que o leitor consegue perceber de que forma a identidade de seu povo foi afetada e como ela foi sendo ela hibridizada. É possível ainda manter traços que ligam essa identidade ao seu passado coletivo, numa intensa troca de conhecimento, num intenso reviver e desatar dos nós travados entre as memórias, que ficaram intactas, mudas e silenciosas e que vão sendo, pouco a pouco, reveladas a fim de que se rompa esse silêncio onde elas se escondem e residem, no silêncio de dentro da alma, lacrado com a dor e com as lembranças, veladas e cheias de muitas histórias a serem contadas. Lembranças essas que não podem de forma alguma ser apagadas, pois são inerentes ao homem e a sua identidade.

É nesse presente, que vem do passado, que residem as memórias, que pertencem ao mesmo tempo a um processo individual tal qual coletivo, pois se há alguma coisa que é inegavelmente pessoal para alguém, ela é inevitavelmente coletiva, pois se for o coletivo para sê-lo, precisou de um contexto e da memória de outras pessoas que confirmaram essa pseudo memória individual e que, portanto passa a ser também coletiva.

A memória passou a ser vista como aquela que constitui socialmente o indivíduo, e que, portanto, os coloca em processo de interação uns com os outros, evidenciando e reforçando dessa forma a coletividade.

Beatriz Sarlo (1997) e Andreas Huyssen (2000), afirmam que a literatura situada na década de 80 do sec. XX é considerada por alguns críticos como uma representação memorial das artes assim como da literatura .

Os autores acreditam que essa literatura deve servir como um instrumento de não esquecimento do trauma de uma nação. Para Huyssen (2000), Morrison afirma que há determinadas passagens que se deseja esquecer quando se refere à escravidão de seu povo, porém não há como fazê-lo. A memória tem um papel relevante no que diz respeito a uma possibilidade de renovação do já existente. (HUYSSSEN,2000, p.4) Assim comenta Sarlo:

Há romances, poemas, depoimentos, num leque que vai da mais extrema representação realista até as transformações mais distanciadas. São impossibilidade ou imposição; teimam em opor-se à hipocrisia de uma reconciliação amnésica que pretende calar o que, de qualquer modo, já se sabe. (SARLO, 1997, p. 32)

Sarlo acredita que trazer o passado à tona não significa “contemplá-lo”, mas sim abrir possibilidades de uma audibilidade pela sociedade de ouvir vozes que até então nunca haviam sido ouvidas e dar vazão ao que realmente pode ser mudado na realidade atual. (SARLO, 1997, p. 38).

A definição de Bhabha (1998), em *O Local da Cultura*, sobre a necessidade de se manter a memória traumática é evidenciada quando o autor afirma que a identidade nacional se constrói a partir da superação de toda diferença que é capaz de perturbar a homogeneidade. Entretanto, a atitude que ele denomina “performática” traz uma desestabilização da unidade homogênea no contexto do pensamento teórico da pós-modernidade.

Percebe-se a existência da heterogeneidade dentro da nação, minorias silenciadas em favor do discurso da homogeneidade nacional. (BHABHA, 1998, p. 214) Para o autor, que se baseia nos estudos feitos por Jacques Derrida, essas minorias tem um lugar em que os espaços não se fecham nunca e aí, segundo o mesmo, pode haver uma negociação dos espaços mantidos até então, podendo ou não através de um estudo, alterar o status quo desse novo espaço, inserindo neste contexto a heterogeneidade e as diferenças presentes nas sociedades multiculturalistas.

A obra traz como protagonista Sethe, uma mãe que ao perceber que vai ser capturada e devolvida ao seu lugar de origem e pertencimento a escravidão, mata sua filha, cortando sua garganta com uma serra e tenta matar ainda seus outros três filhos,o

que não ocorre. Após alguns anos vivendo livre em Bluestone Road 124, um vilarejo, ela passa a ser assombrada pelo fantasma de *Beloved*, a sua filhinha assassinada, que volta para lembrá-la a todo instante de sua prática e conseqüentemente de suas dores.

" Algumas coisas se vão.Passam.Outras simplesmente ficam. Eu costumava pensar que era minha lembrança.Você sabe.Algumas coisas a gente esquece, outras jamais.Mas não é bem assim.Os lugares continuam ali.Se uma casa é incendiada, ela some;mas o lugar, a imagem dele, permanece, e não só em minha lembrança, mas lá fora, no mundo.O que recordo é uma imagem flutuando fora de minha cabeça.quero dizer, mesmo que eu não pense nela, mesmo que eu morra, a imagem que fiz, conheci ou vi continua lá.Bem no lugar onde tudo aconteceu." (MORRISSON, 2000, p.50)

A presença desse fantasma nos leva a uma viagem mística ao mundo de lendas e contos ,onde a presença do espírito é forte e tem sua devida relevância na cultura africana.

É dessa forma que a escritora quebra, rompe com os silêncios deixados nas lacunas da dor e da tentativa ao esquecimento, pois ela vai muito além da ficção e afirma em uma de suas falas quando entrevistada (1994), “Sei que não posso mudar o futuro, mas posso mudar o passado. É o passado, não o futuro que é infinito Nosso passado foi apropriado por outrem. Eu sou a pessoa que pode propiciá-lo.”

Essa apropriação a que se refere Morrison é também feita sob todos os silêncios e detalhes que foram silenciados e por muito tempo omitidos a fim de que se evitasse que as vozes que forem emudecidas pudessem ser restauradas e pudesse trazer à tona fatos não muito agradáveis de se ouvir e de se ter conhecimento, como é o caso da segregação.

Ao ser indagada sobre o tema abordado em sua obra “*Beloved*”, Morrison diz ainda, "It's about something the characters don't want to remember, I don't want to remember, black people don't want to remember, White people don't want to remember. I mean, it's national amnesia."“É alguma coisa que os personagens não querem lembrar,eu não quero me lembrar , pessoas negras não querem lembrar. Pessoas brancas não querem se lembrar. Eu quero dizer, é uma amnésia nacional. "Morrison ainda afirma que sua intenção ao escrever sobre as memórias da escravidão era de convidar os leitores (e a ela própria) a entrar num cenário repulsivo (escondido, mas não completamente , deliberadamente enterrado, mas não esquecido), era armar uma tenda num cemitério habitado por fantasmas que falam alto.”

As memórias resgatadas pela autora segundo a mesma jamais poderão ser apagadas ou esquecidas. Sarlo(2005,p.41) apresenta que;

a relação entre memória e esquecimento pode-se objetivar num discurso,mas, para que a relação exista,deve também existir o documento capaz de dar à memória pelo menos a mesma força do esquecimento: o documento que se imponha como pilar da memória e que a memória tende, inevitavelmente , a rejeitar."

A autora afirma que quando abrimos as feridas e damos vozes para aquilo que está silenciado, estamos não apenas contemplando o mesmo, mas sim podemos dar vazão àquilo que pede para ser mudado e pode ser modificado.(SARLO, 1997, P.38) Podemos afirmar mediante esse enunciado de Sarlo que o passado emudecido propicia que o presente possa ser revelador. Essas revelações só são possíveis mediante o conhecimento que temos sobre a memória.

A memória individual - voluntária ou involuntária - e a memória coletiva estão inextricavelmente aglutinadas, no processo de criação de Morrison ao escrever as memórias de seu povo, como uma história ou narrativa que enfatiza a experiência pessoal e conhecimento de eventos, cenas os períodos conhecidos do autor, para eventos, cenas ou períodos conhecidos como do autor e de sua comunidade. Já o caráter coletivo da narrativa negra é, de fato, uma tradição dos povos africanos; histórias com muitos autores, transmitidas oralmente, que visam o a uma verdade maior.

A memória passou a ser vista como aquela que constitui socialmente o indivíduo, e que, portanto, os coloca em processo de interação uns com os outros, evidenciando e reforçando dessa forma a coletividade. De acordo com Halbwachs (2004), a memória dos indivíduos está apoiada à do grupo:

A memória coletiva tira suas forças e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar a diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 51).

É esse coletivo que vai dando forma aos rastros que foram deixados na memória, pois as diferenças dos indivíduos dentro de cada grupo fazem com que essa alteração vá ocorrendo à medida que o grupo vai sendo mesclado por novas informações, novos conhecimentos que são também advindos dos lastros individuais das memórias de cada um, mas que só são lembrados em um contexto coletivo, pois é o grupo que suscita à memória as suas lembranças individuais e isso só ocorre no contato com o outro.

Maurice Halbwachs(2004) afirma ainda que “a lembrança, apesar de íntima, é evocada pelo grupo” e que é “imprescindível a ajuda dos outros para o ato da rememoração. O grupo é fundamental ainda que as lembranças ocorram em um momento no qual o indivíduo se encontre fisicamente sozinho, pois é por um grupo que a nossa realidade mais íntima é evocada, é pelo grupo que nossos registros mais profundos são trazidos à tona no ato de lembrar, pois nunca vivemos só ou isolados em uma ilha, e esse nosso conviver com o outro é que garante que essas experiências individuais possam ter valor na existência de um todo maior e mais significativo, o coletivo, a comunidade.

Considerações finais

A obra *Beloved* é permeada por uma revisitação a essas memórias e percebe-se claramente que ao mexer nas feridas a autora consegue não só fazer um passeio pelas dolorosas memórias historicamente ainda gritantes, mas sim, deixar claro que podemos e devemos nos lembrar delas a todo instante, a fim de ressignificá-las.

As memórias da escravidão jamais poderão ser apagadas, nem mesmo quando se tenta encobri-las, elas são mais fortemente ainda trazidas à tona em obras literárias que cronologicamente denominada pós-colonial, é o que se chama de memória traumática.

Bhabha ainda afirma, que há um duplo esquecimento, o primeiro seria marcado pelo trauma em si, pela ferida aberta pela ruptura, uma verdadeira catástrofe existencial e o segundo, seria causado pela mimetização dos imigrantes nos Estados Unidos da América, em busca do sonho americano. A rememória estabelece uma conexão direta entre o passado individual e o passado coletivo, o passado marcado pelas heranças, pelas origens.

Essa rememória é também presente em *Beloved* e provoca em nós leitores uma dor profunda, como podemos confirmar neste trecho da obra em que Sethe explica a

Denver sobre o seu deslocamento e sobre as suas lembranças.” Uma imagem do pensamento é quando se tromba com a relembração pertencente à outra pessoa. O lugar onde eu estive antes de vir pra cá é real. Jamais vai desaparecer. A imagem continua lá.(...) Nada jamais morre.”(MORRISON, 1987,P.50)

A autora descortina as várias possibilidades de nós leitores nos esquecermos com todos os fantasmas que habitam o mundo pós-colonial, fantasmas que jamais deixarão de habitar as memórias de todos aqueles que direta ou indiretamente viveram e ainda vivem as dores causadas pela segregação.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: Best Seller, 2000. *Beloved*. New York: Plume, 1988.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. New York: Vintage, 1994.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997.